

## **PRESIDENCIAIS 2026: (a)VENTURA DO VOTO (in)SEGURO**

### **– DA PURGA E AUTO-FLAGELAÇÃO DA DIREITA PORTUGUESA –**

«[Da democracia e da liberdade de voto] O voto só é perfeitamente democrático se for livre e racional [não condicionado e de facção], o que supõe uma igualdade tendencial da informação e do poder económico e social dos eleitores e dos elegíveis». (Imprensa, 1974, Francisco Sá Carneiro, Portugal, Estadista, PPD/PSD/AD, 1934/1980)

«[Da condição de estadista] Há uma nítida diferença entre estadista e político. O primeiro [o estadista] é alguém que pertence à nação [Povo]. O segundo [o político], alguém que pensa que a nação lhe pertence. (António Ermírio de Moraes)

«[Do tempo político] 1 Tudo tem o seu tempo determinado [...]; 2 tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou [...]; 7 Tempo de estar calado, e tempo de falar». (Bíblia, Velho Testamento, Livro de Eclesiastes (do hebraico, Koheleth ou Qoheleth, que significa Pregador, professor, aquele que convoca uma assembleia, da autoria do rei-sábio Salomão; termo que designa alguém que reúne a comunidade para ensinar sabedoria), Capítulo 3, Versículos 1-2, 7)

«[Da verdade, valor absoluto] 32 E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará». (Bíblia, Novo Testamento, Evangelho de João, Discurso de Jesus Cristo sobre a sua missão na Terra, Capítulo 8, Verso 32)

«[Da liberdade e licitude] 23 Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convém; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam [constroem]». (Bíblia, Novo Testamento, Primeira Epístola (Carta) de São Paulo, Apóstolo, aos Coríntios, Capítulo 10, Verso 23)

«[Do medo em política] O verdadeiro objectivo da censura [chegança] é silenciar os que incomodam, não os que mentem». (George Orwell)

O texto-narrativa que se segue, para memória histórica futura, enquadra-se no âmbito das eleições de 2026 para a Presidência da República de Portugal, no qual vamos percorrer ideário detalhada e estruturadamente sobre os candidatos concorrentes à segunda volta – André Ventura e António José Seguro – e com opiniões relevantes e alegações sobre um «Seguro, socialista e de esquerda, mal-amado, sem sal, mínimo e de continuidade do establishment», em paragem; e um «Ventura, social-democrata e de direita, vítima da sua própria família política *dextra*, em modo de auto-fagia terrorista ideológica, pelo facto de ter a coragem de afrontar o sistema e o regime, crucificado na praça pública como monstro diabolizado, de alta voltagem (AC/DC) e de perigos mil», que dá um murro na mesa. Fica a singularidade de cada um deles e o nosso contributo para discussão e esclarecimento, ficando o «detalhe para o cargo» e a escolha ao

critério e juízo ideológico dos portugueses. Deixamos o registo em contracorrente e curto-circuito com o curso carnavalesco «unanimista e do unanimismo dos apoios a Seguro», quiçá negativo, tóxico e sufocante do debate democrático, eliminador da dissidência e do pluralismo de opiniões, de ausência de vozes críticas, em favorecimento do «pensamento único e da conformidade», num contexto político de «autoritarismo totalitário figurado» de propaganda política e «culto da personalidade» de um dos candidatos em detrimento do outro, alegado «fascista», mobilizador das massas populares e anulante da individualidade e da pluralidade, facto-realidade que não é saudável para o regime nem para a 3.<sup>a</sup> República. Segundo Rui Ramos, «chamar fascista ao adversário [Ventura] para evitar discutir ideias [e alternativas democráticas] não é defender a democracia – é fingir que ela está em perigo», uma manhosice para fugir à discussão política séria.

Mais: fica a (im)possibilidade de reedição do confronto político esquerda/direita de 1986 – Mário Soares/Freitas do Amaral – agora, quarenta anos depois, em 2026 – Ventura/Seguro – com um desfecho final distinto, dissemelhante numa oportunidade política ímpar, mas com a – direita versão *funambulus* – a autodegladiar-se, político-avocando um retrato público de crise-colapso disfuncional. Caro leitor, obrigado pela sua atenção.

Há momentos na vida das nações, dos países e dos estados, que são de encruzilhada e de encontro com a História. Momentos da verdade, sem filtros, em que cai a máscara. Momentos em que estoicamente assumimos, ou não, a nossa idiossincrasia, escala axiológica, princípios e valores, ideologia e pensamento – patentes no pulsar da pessoa humana – de direita, de esquerda, mais ou menos ao centro, mais ou menos intenso, vibrante, vulgo «extremo político radical». Falamos da ética em política e não de uma pretensa e falaciosa moralidade condicionante e condicionadora do voto popular livre e consciente em *abruptus* (do latim, «*abrumper*» que significa quebrar, partir, interromper) boicote da «direita contra a direita», de comportamento áspero e rude; desigual e grosseiro – inédito a esta escala e dimensão brutal – atitude caricato-excêntrica que cava abismos e desconfiança política de morte na(s) direita(s) em Portugal.

Relembramos que os resultados da primeira volta das eleições presidenciais de 2026 deram 31,11% a Seguro, que venceu com 1.755.563 votos, seguido de Ventura com 23,52% e 1.327.021 votos em urna. Com tudo em aberto para a segunda volta, havendo a separá-los a diferença de 428.542 mil votos – com a esquerda a fazer praticamente o pleno e a margem da direita e direita ala liberal a ser amplamente superior, mas em dissintonia divergente com o direitista Ventura e em convergência com o candidato do campo político da esquerda socialista Seguro – num momento-tempo de clivagem histórica para a direita portuguesa, em ruptura-fractura exposta – e inevitavelmente em reconfiguração futura político-partidária pela liderança, sendo que com esta ferida aberta nada voltará a ser como antes, com agitação das bases e toque a rebate da ideologia

fundacional de Sá Carneiro, com o pensamento situado à direita e centro-direita, focado na liberdade individual, na democracia social, na modernização do país, com influência da doutrina social da Igreja; mais: caracterizava-se por um liberalismo social moderado e reformista, conservador social q.b.; entrou em ruptura com o regime do Estado Novo por falta de reformas – foi um «revolucionário» na prática política, buscando a mudança e a modernização de Portugal. Social-democrata assumido fundou o PPD/PSD, com foco na justiça social e sem o marxismo – socialismo científico, Marx e Engels, a bússola teórica doutrinária de grande parte dos partidos socialistas e sobretudo dos partidos comunistas – defendeu o Estado de direito democrático, as liberdades individuais e foi um pilar da construção da democracia portuguesa após Abril de 74. Valorizava «a verdade» e foi um político humanista de coragem e frontalidade que ajudou a restabelecer a autoridade e a democracia após o 25 de Novembro de 1975. Um homem de Estado, crítico feroz do socialismo dirigido e estatizante.

Com a vitória de Seguro, pela mão da direita que abomina e repele por *desvariare* (do latim, que significa sair do caminho) André Ventura – não explicável-convincente por mais que sejam os subterfúgios – é reabilitada-regressa ao poder a esquerda-PS – via Presidência da República – sendo Seguro um destacado ex-dirigente e ex-governante socialista, um protagonista do socialismo e da mentalidade-pensamento de esquerda socialista. Registamos aqui, até à data, o silêncio-equidistância de Pedro Passos Coelho, reservado e com reserva pública, que com verticalidade ideológica se tem recusado a entrar neste drama de auto-degradação e auto-canibalismo da direita portuguesa, em versão necro-política ridícula de descartabilidade dextra de Ventura – o representante da direita liminarmente eliminado pela própria direita – sem discussão, negociação, moderação e «compromisso de apoios»; não captura política – pura e simplesmente o abandono – o cenário-figurino político escolhido.

Sopram ventos de mudança política no mundo e em Portugal. Os grandes momentos, rupturas e mudanças, quando a História não é atraída (e que dos fracos e covardes não reza, não celebra), provocam o incómodo do «establishment», da elite política e do sistema político que detém o poder político – nada de novo sobre a Terra – sendo que o que há de novo em Portugal, ano da graça de 2026, é a segunda volta das eleições presidenciais, com dois candidatos politicamente nas antípodas, com a direita de André Ventura e a esquerda de António Seguro, com Ventura social-democrata e Seguro socialista – repetição doutrinal frisante crítica convincente para avaliação e clarividência decisória electiva pessoal-facto dos candidatos – ambos respectivamente enraizados ideologicamente até aos ossos, com arquétipos de personalidade bem definidos, sem nada que enganar, com a direita no poder – governo minoritário – e maioria parlamentar, e a esquerda em estado crítico agonizante e em modo de sobrevivência política. Acontece, porém, estar-se a viver em Portugal um sobressalto cívico, provocado pela própria direita, auto-fágica, com

ADN alterado, travestida de esquerda, em insana catarse divisionista e auto-flagelação, que a História julgará – com o destino traçado e destinado a acontecer da perda-sangria de votos do Partido Social Democrata (PSD) para o Chega (CH; e continua a saga da ilegalização) de Ventura – com Seguro (inseguro e da vacuidade socialista) Presidente da República com os votos da direita e a dar auxílio a um Partido Socialista (PS) reabilitado a partir de Belém – realidade política factual em construção, *sui generis* e que não lembra ao Diabo – com a esquerda arregimentada e a direita em auto-punição e auto-mutilação.

Observamos, estupefactos, a falta de inteligência, sagacidade e animalidade política da direita farsante-impostora estridente – bastava o silêncio – aproveitado magistralmente pela esquerda, que jamais incorreu em tamanha trapaça-tragi-comédia. É circense, a ligeireza, a leviandade do espectáculo público do malabarismo político dos indivíduos da «direita dos apoios» do neo-segurismo e do neo-socialismo, a acrobacia lexical do(s) «*illuminatus illuminati*» e da «commedia dell'arte» política, com piruetas e contorcionismo ilusório, facto político vergonhoso de negação ideológica consumado, e *factum* figurado-metafórico extravagante, com discurso grandiloquente a apontar para o medo existencial da democracia, da liberdade, da ditadura – do medo – vulgarizado pelos artistas do trapezismo político da – direita do funambulismo – sendo surpreendente o número de *funambulus* (do latim, em sentido figurado, aquele que é inconstante e oscilante, que muda de lado, que muda facilmente de opinião ou partido, aquele que anda na corda bamba; o equilibrista político, de rumo confuso, camaleónico).

Preocupa-me como cidadão, que até lê umas coisitas, observa e pensa informado, que na actual conjuntura política portuguesa, o voto tenha deixado de ser secreto, em consciência, livre, democrático e de livre escolha. Mais: o cenário político doentio-deplorável de «todos contra o Outro» – ele é o manifesto dos «não-socialistas por Seguro»; ele é o apelo de todos os mandatários presidenciais da primeira volta e ex. candidatos pelo «voto seguro em Seguro»; ele é as manifestações públicas de apoio dos ditos «notáveis» com amnésia ideológica céptico-desconvida (*notabilis*, seja lá isso o que for e tem de subjectivo, relativo e de água-benta que cada um toma) de vários quadrantes da sociedade portuguesa – politicamente e da liberdade-secretismo do voto miserável, popularmente influ-premeditado e manipulador contra o candidato-peçonha Ventura, com imposição-coerção para abater o anti-democrático «populista do populismo»; compressão-compactação e coacção, coro megafónico politizado, manipulação mediática, «jornalismo comentadeiro» de opinião e análise pessoal avençada – e dos ódios de estimação e de ajuste de contas – e não de reportagem e análise dos factos políticos, onde comentadores e *mass media* com «partidarite aguda» influenciam a opinião pública e a agenda política mediática, moldam, modelam e plasmam a Realpolitik e a percepção pública da factualidade-realidade política com a pseudo (do grego «pseudés»,

que significa falso, mentiroso, não verdadeiro) lógica do comentário político *addictus*-obcecado e induzindo em contra-vontade-erro as massas acéfalas – num limbo político e impasse decisório – num quadro-conjuntura política pintada de *horribilis* perigo e de tormento lancinante de vicissitudes e quebra-paralisa da «normal funcionamento das instituições» e da democracia, em risco e estereótipo histerizado.

Por mim, não admito e rejeito liminarmente. É ofensivo que me tentem dizer-forçar onde pôr a cruzinha no candidato; é que eu penso pela minha cabeça, sou adulto, livre, um democrata convicto, com memória política histórica nacional cinquentenária, que gosta de votar racionalmente, livremente, em consciência e ponderação e seguindo o meu coração, valores, princípios e educação, de exercer o meu direito cívico sem «sobressaltos politiqueros» e avesso a manipulações desgraçadas. Não embarco em «ismos» como fascismo autoritário ressuscitado, autocracia-despotismo por oposição a democracia e liberdade, tirania-ditadura, patriotismo exacerbado q.b., «Portugal e os portugueses primeiro», pecado de lesa-pátria; nacionalismo excludente-eliminatório e extremismo fatalista e de perigosidade, radicalismo radicalizante anti-minorias e anti-imigração (desregada e ilegal), etc. Não alinho cúmplice em rótulos políticos oportunistas do momento, preconceito-segregadores, e numa retórica que tenta «masturbar a inteligência» e tornar mentecapta a percepção-cognição e o discernimento dos portugueses, em privação da razão.

Sinais e sintomatologia sintomática – redundância enfatizada propositada – de que o sistema político português de facto está doente, conspurcado, em agonia final do estrebuchar do regime moribundo – com a *res publica* a precisar de crítica contundente, mas assertiva, de contraditório construtivo e *mea culpa* de aproximação e moderação – com o mais absoluto respeito pela condição humana lusitana, e não de paradoxo e temor inculcado dos acusadores do agitador-mor Ventura e dos cidadãos portugueses seus seguidores.

Com afirmações públicas de aversão-acrimónia radical, gravemente anti-democráticas e de julgamento (i)moral como a de António Sérgio Sousa Pinto, que chama de «atrasados mentais» a quem discorda da sua visão socialista – em referência aos portugueses votantes de Chega-Ventura e acerca da ameaça maior ou menor de votação no PS – PS com mais de 50 anos de provas políticas falhadas e desgovernança fracassada: PS-soarismo; PS-descolonização; PS-guterrismo, pântano e fuga; PS-Sócrates-Seguro, num histórico de elogios e num contexto de forte coesão partidária, com Seguro Secretário-Geral do Partido Socialista; PS-troika, PS-bancarota, PS-costismo, PS-radical-geringonça, PS-imigração e caos; PS-educação-ensino e escola pública caótica; PS-*in statu quo ante* e paralisa reformista do Estado, etc.; e sem respeitar os portugueses que consideram a possibilidade de uma alternativa democraticamente sufragada nas urnas, com um milhão e mais umas centenas de milhares de votos e em crescendo – acontece Sérgio, que cada um fala daquilo que lhe é natural e você

lá sabe do que fala – e acredite que não abona a seu favor «explosões de ira e palermices em directo» – e não, não tolero este estigma sobre outros portugueses tão portugueses como você e eu, mas não socialistas – portugalianos que dizem categórica, frontal e inequivocamente não ao socialismo-carneirismo (seguidismo ideológico) e ao neo-socialismo securista de uma certa direita esquizofrénica – em *delirium tremens* bipolar e em alucinante crise nervosa, ansiedade e pânico, num frenesim e desorientação irracionais, de leitura alucinatória da realidade política com mauzões e bichos-papões aterrorizantes do nosso Estado de direito democrático – ou talvez a repulsa e o ostracismo por um tribuno da palavra incómoda(o) que questiona o sistema e o regime – a precisar do imperativo categórico de reformas urgentes, e em que não pode continuar tudo na mesma. Sendo que – por *absurdum* – com a direita-canhota auto-repulsiva, de nojo e aversão ao «vilão Ventura-Chega» a desbaratar a possibilidade de fazer o pleno, a vitória do candidato socialista Seguro (a custo e urticária apoiado pelo PS), que recusa debates públicos nas televisões (apenas um), recusa de debater nas rádios, recusa de esclarecer e de escrutínio, de não falar aos portugueses, de não tomar posições políticas claras, de não abordar os temas fracturantes – ganha o silêncio – que passa por entre os pingos da chuva. Não vá o diabo tecê-las e acontecer o mesmo que ao candidato-almirante Gouveia e Melo, apesar de todo o «marketing» esquerdo-direitofilo em andamento (depois não se admirem da abstenção).

Seguro, o moderado da inacção política, é o «candidato do não e pouquinho», com um chorriho de lugares-comuns, palavreado vazio, palavras ocas «déjà vu» e o chavão de ter regressado para «unir os portugueses» e «ser o presidente de todos os portugueses» – o rejeitado de Mário Soares, que em 2014 numa entrevista ao jornal *I*, criticou forte e feio o então líder do Partido Socialista (PS), António José Seguro, afirmando que Seguro era «inseguro e incapaz de ouvir os críticos»; mais disse que, não ia ser primeiro-ministro; afirmando-defendendo ainda, numa conferência em Portimão, também em 2014, que Seguro devia demitir-se do PS. O que vindo do líder histórico socialista, torna a coisa relevante.

Sendo que nos idos de 2011, também Vasco Pulido Valente, no Público, numa crónica de lucidez de análise política assertiva, defende a ideia-pensamento de alerta negativo e de negatividade de Seguro enquanto político. Citando: «Nunca, em quase 50 anos, conheci um político que se aproximasse tanto de não ser nada como António José Seguro. [...] Um homem que repete de cor uma cartilha programática obsoleta; que não pára de garantir a unidade de um partido [PS] que ninguém pensa em dividir; que berra e estica o dedo para se fazer importante; e que não convence o mais plástico português. Claro que Seguro (e seu PS) se dispensaram de abrir a boca sobre o consulado de Sócrates, que os compromete pessoal e colectivamente [...] só lhes fica o vácuo. [...] Durante o consulado de Sócrates, que (vale a pena lembrar) durou quase sete anos, não se ouviu um protesto ou uma crítica de António José Seguro. Para ele tudo

estava pelo melhor no melhor dos mundos. Mesmo quando as coisas se tornaram claras para a maioria dos portugueses, continuou calado. [...] Preferiu sempre a evasiva e a dilação. [...] Sem uma ideia na cabeça e com um ar irresistível de seminarista. [...] Mar de mediocridade [...] Sucede que [...] Seguro foi apanhado entre um passado impossível e um futuro a que obviamente não pertence». (Jornal Público, António José Seguro, por Vasco Pulido Valente, 16 de Setembro de 2011)

Mas em política tudo é volátil, efémero, tendo agora (da palhaçaria-ridículo político, de difícil ingestão-deglutição) até o apoio do camarada António Costa – «o Costa-traidor das facas longas» – e mais: mais à frente provavelmente só fará um mandato presidencial – com a direita-canhestra a retirar-lhe o apoio circunstancial.

Donde, de um lado termos o amorfo e reservado Seguro – atenção que falo politicamente, como pessoa e humanista tem a minha mais elevada cortesia e respeito – de apatia confirmada e tudo na mesma, no marasmo de sempre, um líder fraqueiro, frouxo, apagado, sem magnetismo, que alguns dizem «ter medo da própria sombra», que não fez frente a Soares e temeu os resquícios do socratismo, é agora levado ao colo numa liturgia conveniente, com apoios-protocolo feitos de cinismo, hipocrisia e interesses instalados – não se passa nada, é sorrir e acenar; caricaturando: «Se Seguro vai ser presidente temos de o passar a conhecer melhor. Não gera entusiasmo, mas é o genro que todas as sogras gostariam de ter». (Miguel Morgado, Podcast, Torto e Direito) – e do outro lado, o *altissonans* (do latim, que soa alto) e comunicativo Ventura que acusa o sistema de decrépito e corrupto, da «roubalheira acomodada», que grita por reformas, acusado de autoritarismo e ser fascista, chamado de demagogo (do grego, «demos» povo, e «agogos» condutor, significando condutor do povo, e tendo um sentido político pejorativo) e que fala ao coração e às emoções dos portugueses, com carisma e presença, eloquência oratória exacerbada, que desperta medos, ódios e paixões, o «enfant terrible» da actual vida política nacional, e provavelmente o líder político mais explícito, verdadeiro e sério na abordagem da intencionalidade e da práxis (do grego antigo, «prâksis», significando acção, actividade ou conduta) política, óbvio alvo a abater pelo «establishment» e elite política dominante e de dominância, que detém o poder e defende o *status quo* – tendo os portugueses a possibilidade, direito e autonomia emancipada do voto em branco ou num dos candidatos, mas em liberdade, consciência e auto-reflexão – sem a necessidade lamentável da direita funambula comprometida baralhar o jogo político adulterado e se auto-exorcizar, agredir ideologicamente o seu eleitorado de sempre, violentar a consciência política das bases e do legado de Francisco Sá Carneiro e desmioladamente entrar numa deriva que pode significar no curto-médio prazo a sua própria asfixia política, a perda paulatina de preponderância e importância histórica enquanto direita liderante portuguesa.

O povo português tem maturidade democrática e uma larga experiência de vivência e participação cívica em eleições livres e actos eleitorais de exercício pleno, consciente e reflectido da cidadania; não merece ser amedrontado nem atormentado pelo bicho-papão do regresso ao fascismo, com cheiro a naftalina. O cordão sanitário pela direita funambulista – a esquerda, a extrema esquerda e o centro esquerda estão bem resolvidos, são uma engenhoca-traquitana política que se entende e chama de «facho» a tudo o que respira valores de direita – e o policiamento do voto-trambolho, são a antítese contra-natura e em contra-mão com a natureza da democracia, da liberdade, da consciência respeitada dos eleitores portugueses, indo ao arrepio de tudo o que representa o 25 de Abril e a liberdade de 1974, e o 25 de Novembro de 1975 e a consolidação da democracia, sendo ambos referenciais, a «abrilada» e a «novembrada», dos valores intemporais da revolução dos cravos.

Mais, na sua «vendetta-sicária», *vitiosus et perversus*, a direita revenchista, carrasco e verdugo de uma outra direita mais conservadora e nacionalista-tradicionista – avessa às políticas pseudo progressistas socialistas e de esquerda, como a ideologia de género, casamento homo-gay, eutanásia, aborto, barrigas de aluguer, imigração de portas escancaradas e sem regras, wokismo e outras causas que tais – a direita da mediocridade ideológica diluída dita moderada, com perda de identidade e lastro, na sua idiotice exponencial ainda não se deu conta de que está a cometer «hara-kiri» ou «seppuku», por desmembramento histórico existencial, no ritualizado suicídio partidário do voto-trambolho em «Tozé(ro) (in)Seguro». Mais, está em sentido reputacional-figurativo a ananizar, a matar-assassinar parte do seu carácter político identitário – numa lógica e frente unanimista de pensamento único – anti-democrática e impositora-impositiva (do latim, «*impositor*», autoritário e que coage, de coacção) do sentido de voto do eleitorado português.

Espero não me tornar *persona non grata* e herege ao manifestar e demonstrar estas e outras «heresias políticas», e não vir a ser queimado na fogueira dos «fascistas de direita», sem direito a voto, mesmo que seja em branco – só que acontece que o meu avô Calixto esteve preso no tempo da ditadura fascista salazarista pidesca – e a trivialidade com que o palavra-termo «fascismo» é indevidamente usado, é uma nugacidade-futilidade que criticamos pelo seu anacronismo, não devendo de forma ignara ser invocado e tornado banalidade vulgarizada – porque mentindo assusta, acorrenta o pensamento e a opção-liberdade de escolha dos eleitores portugueses no voto-trambolho, violando e violentando a sua própria consciência cívica, e com falso argumentário escraviza o voto, não mais livre, mas influ-obrigatório – impedindo a plenitude do exercício da cidadania livre, responsável e consciente.

Há duas vozes que quero aqui felicitar, pela isodistância, paridade e pela independência política supra-partidária, e supra-candidatos, ambos a prestarem serviço público, nos comentários com objectividade de análise, frontalidade e



verticalidade: Pedro Santana Lopes e Miguel Morgado. É visceral e viral a falta de crítica jornalística e de contraditório político comentado da neo-liberal-direita neo-segurista-socialista dos votos-trambolho endossados-transferidos.

Deixo o meu contributo, opinando sobre o candidato oficial do PPD/PSD, Luís Marques Mendes, na primeira volta das eleições presidenciais de 2026. Com todo o respeito e estima pessoal, mas com absoluta frontalidade, o candidato Marques Mendes não tinha nem teve presença nem carisma, nem uma nem a outra coisa, desgastado, com o discurso estafado da «experiência governativa», e o povo não é tolo nem tolinho, ponto final. De lamentar, também ter embarcado na lengalenga infantil do voto-trambolho endossado, oxidado por ranço ressabiado.

A teimosia e falta de visão política do primeiro-ministro Luís Montenegro, as «linhas vermelhas» e o «não é não» a acordos e a uma coligação com o partido Chega e à possibilidade de um governo maioritário estável de direita para a legislatura e a integração-contenção do próprio André Ventura, a escolha e o apoio do candidato presidencial Marques Mendes, a declaração pós-eleitoral, o pós-silêncio falante, o encurralamento político e a falta gritante de assertividade política, foram erros de palmatória, com fuga para a frente, com um preço futuro a pagar pelo PPD/PSD, que a História julgará no tempo determinado, e em rápida aproximação. Agravado com as declarações e «tonterías» públicas do voto-trambolho, de tenrinhos e velhinhos, «notáveis» do partido, da e na asneira política chocante, que o segurismo-socialismo muito agradecem e que historicamente, ao virar da esquina, vão aproveitar para arredar do poder uma direita desfigurada que se auto-fragiliza, diviso-fragmenta, anula, desautoriza e chicoteia, matando por manipulação vertical o seu espectro político amplamente maioritário actualmente – surreal – e incrível!

Uma nota para o facto do candidato André Ventura, nesta segunda volta, provavelmente vir a ter uma votação ainda mais expressiva, somando mais umas centenas de milhares de votos, a atirar o resultado final, *qui sapit*, para a casa dos dois (2) milhões de votos-votantes; sendo que, em resposta às esquerdas unidas e à direita funambula em desunião, gasta e sem coragem, com certeza que não são todos casos de militantes-sufragistas de protesto, fascistas, xenófobos, racistas anti-imigração e anti-minorias, homofóbicos, neo-nazis, cleptomaníacos de malas em aeroportos, radicais, saudosistas do facho, e a encarnação do mal.

Digno de análise-psicanálise freudiana, de «representação da coisa», a imagem mental figurada e a representação das palavras, a linguagem verbal e a figurabilidade, materializando o pensamento abstracto em imagens visuais de um futuro assustador, de ditadura facínora e de uma idade política vindoura das «trevas venturianas», com transferência para o voto-trambolho, interpretado à medida e por encomenda, com o figurado-figurino da psicanálise barata da neo-

direita segurista a fazer a materialização psíquica dos desejos ocultos, re-interpretando a realidade política nacional e entrando em avalanche no subconsciente mental dos eleitores portugueses – a avaliar pelos alegados resultados das primeiras sondagens – votantes em dormência catatónica e ausência de crítica racional e acriticismo político-partidário e pessoal-histórico dos candidatos: com amém ao inseguro e álalo Seguro, e o *nunquam* a Ventura, por repulsão primária e rejeição ao pária e marginal político marginalizado a abater por todos os meios (in)decentes, mesmo violando os mais elementares princípios de cálculo político, de bom-senso, realismo, ideologia, probidade, probó-intelectualidade e higiene política – reinando a improbidade do favorecimento faccioso, tendencial, marginalizante e mega-manipulador – com o bloqueio político do apelo ao voto-trambolho de uma direita beija-mão do adversário político, sem espinha dorsal e sem identidade ideológica, a precisar urgentemente de benzodiazepina política anti-funambula, a fim de eliminar temores terríficos para a democracia, a liberdade, o Estado de direito democrático e o garante da sobrevivência do regime.

No julgamento de Nuremberga, em 1945, após a derrota final da Alemanha nazi de Hitler, quando perguntado a Herman Goering – o número dois da hierarquia nazi – «Como é que você convenceu o povo alemão a aceitar o nazismo, tudo isso?», ele respondeu: «Foi fácil e não tem nada a ver com o nazismo. A única coisa que um governo [no caso, ficcional-adaptado, a direita-madrasta, funambula e do voto-trambolho] precisa para tornar o povo escravo é o medo. Se você encontrar algo que os assuste, pode obrigá-los a fazer o que quiser». (Herman Goering, Depoimento, Julgamento de Nuremberga dos criminosos nazis, 1945)

A política brutal do medo silenciado, da manipulação, da submissão, da viciação, do «sobressalto cívico» e do voto-trambolho endossado publicamente, ao invés do dever de reserva e do princípio do secretismo do voto, em nome da dignidade humana, não a aceitamos. Eleições com medo, são «eleições viciadas». O medo condiciona, perturba, altera, transtorna consciente e subconscientemente o comportamento da pessoa humana. Sendo ainda mais grave porque estas eleições presidenciais são-no também um referendo ao sistema político falho – embora nada de extraordinário e transcendental venha a acontecer, independentemente do resultado e do vencedor – apenas com mais ou nula acção do «tensiómetro político» e da variabilidade excepcional atípica.

E assim chega a presidente, com os votos da esquerda e do «centrão», o periclitante e à partida improvável, o mal-amado e «sapo engolido» por todo o espectro político partidário, António José Seguro, Presidente da República de Portugal, 2026-2031.

Quanto a André Ventura, sai reforçado destas eleições presidenciais, com a maior votação de sempre, numa eleição unipessoal (uninominal), com ascensão

meteórica em apenas meia dúzia de anos – passando de apenas 1 deputado para 60 deputados nas últimas eleições legislativas de 2025, ascendendo a segunda força política parlamentar, acabando com o bipartidarismo PSD/PS em alternância governativa cinquentenária. Ventura, com o teste das presidenciais, apesar de todas as tentativas de silenciamento, ostracismo, cancelamento, críticas diluvianas, e alegadamente «sempre perder os debates», a fazer caminho para o objectivo que realmente o motiva, ser primeiro-ministro de Portugal, posicionando-se e assumindo-se – a realidade política impõe-se – como o líder incontestável da direita portuguesa.

O povo português, que é soberano, manda e tem o poder político, tem no voto eleitoral democrático, a palavra última e final, livre de constrangimentos, amarras e medos.

Deixamos a incógnita de reflexão seguinte: Portugal vive presentemente a 3.<sup>a</sup> República – Abril de 1974 – com o actual regime e a actual Constituição de 1976, aprovada a 2 de Abril, reformulada com sete revisões constitucionais: 1982, 1989, 1992, 1997, 2001, 2004 e 2005, com redução-eliminação do pendor ideológico socialista inicial e adaptando-a a uma democracia pluralista e à integração na União Europeia (UE). Vivemos o tempo da transição (conceito) para a – 4.<sup>a</sup> República – por esgotamento e deriva do regime, sendo imperativo porventura um novo impulso reformista do Estado português e da sociedade portuguesa em reconfiguração. Onde, juridicamente, Portugal continua na 3.<sup>a</sup> República, sendo a «4.<sup>a</sup> República» um chamamento retórico ou uma construção política em andamento. Fica o enigma.

Como nota: A 1.<sup>a</sup> República (1910 – 1926); teve início com a implantação em 5 de Outubro de 1910; ficou caracterizada pela instabilidade política, social e económica; marcada por golpes de Estado, revoltas e participação na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial; com 45 governos nomeados e 8 presidentes em apenas 16 anos. A 2.<sup>a</sup> República (1926 – 1974); após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, seguiu-se a Ditadura Militar e o Estado Novo. A 3.<sup>a</sup> República (1974 – até ao presente); iniciada com a Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974; trouxe a liberdade e com o 25 de Novembro de 1975 consolidou a democracia, o regime democrático e a soberania popular. A 4.<sup>a</sup> República é uma abstracção política – um conceito teórico de análise política – com amplo debate na opinião pública geral, intelectual e política portuguesa presentemente, conjecturando acerca da degradação da democracia nacional e da necessidade de mudanças de fundo e reformas institucionais no sistema-regime político português actual, rompendo com o *status quo* político – 3.<sup>o</sup> milénio, século XXI, ano da graça de 2026.

Um comentário final para o único debate – 27/II/2026 – entre os candidatos à segunda volta das eleições para a Presidência da República portuguesa – 2026-2031 – Seguro/Ventura. Focando na formalidade, postura, linguagem corporal, gestão dos silêncios, evasivas e trivialidades, entoação de voz, intimidade-

cumplicidade política exposta e argumentação – pormenores onde o diabo se esconde – Seguro é claramente o candidato do sistema, do regime, do aparelho de Estado, do «establishment» e do *status quo*, com tudo na mesma e a continuar igual, próximo das élites políticas e alegadamente o preferido da maçonaria; um futuro presidente «corta-fitas», perdidamente confuso e amnésico da sua condição de ex. deputado na observação infeliz do «pago para falar» e com uma «salinha em Belém» para resolver os problemas do SNS. Um candidato plástico, feito de mimetismo adaptativo e plasticidade política. Já Ventura é o seu contrário, com menos polimento, artificialismo e formalidade política, mais carismático, com presença, combativo e incisivo (esteve mais contido no debate); Ventura é mais autêntico, natural, informal, emocional e axiológico, com firmeza ideológica, é claramente o candidato que vive e quer mudanças, que fala em nome do Povo. Sendo visível a sua mágoa com a sua família política desviante, a direita funambula – «quem não se sente não é filho de boa gente» – um gladiador que vai lutar com a sua gente até ao fim na arena política, com perfil de empoderamento –.

Separadas as águas, percebemos agora os apoios de Cavaco Silva para quem em tempos Seguro foi «inseguro, medroso e sem capacidade de liderança», Pacheco, Portas, Lobo, Rio e outras personalidades conotadas com a direita que renega Ventura – o proscrito que temem – mas que veio para ficar e disputar o poder.

Também Ramalho Eanes passou a engrossar o grupo dos apoiantes públicos de Seguro, no que parece ser uma perda-hecatombe política para Ventura, faltando agora manifestar-se o Povo Português, com a legitimidade da decisão política colectiva nacional.

Em remate finalíssimo, para reflexão, deixamos a pertinente observação de Rui Ramos: «A direita já cometeu muitas vezes o erro de subestimar presidentes de esquerda. Pagou-o sempre da maneira mais cara. Todos os presidentes socialistas foram um problema para governos e maiorias de direita, mesmo quando iniciaram mandatos com o apoio da direita [...] Mário Soares em 1991 [vs. Governos de] Cavaco Silva; Jorge Sampaio em 2001 [vs. Governos de] Durão Barroso e Santana Lopes. [...] O estado do país convida o presidente a ser «exigente», [...] provedor-mor do descontentamento. [...] O que pode ajudar António José Seguro, no caso de ser eleito, a resistir [à pressão da esquerda]? Para começar, uma forte votação em André Ventura, que permita a Seguro convencer-se e argumentar que o país não está pronto para a «viradeira». Só a força da direita, demonstrada pela votação de Ventura, poderá contra-balançar a pressão que a esquerda fará sobre um Seguro vitorioso. [...] Digamos que será preciso votar Ventura para ajudar Seguro, se eleito, a ser o presidente imparcial que diz querer ser. Porque se ele é fraco, como tanta gente alega, guiar-se-á apenas, como todos os fracos, pela correlação de forças. [...] A Seguro, uma grande votação dará uma autoridade acrescentada como presidente, e deixá-lo-

á refém das expectativas e pressões da esquerda [e do próprio PS, aspirante ao poder]. [...] Ou os eleitores confirmam a decisão de romper com trinta anos de poder socialista [em referência aos resultados das eleições legislativas de 18 de Maio de 2025 – XVII Legislatura e XXV Governo Constitucional –], ou começarão a preparar o seu regresso». (Observador, Artigo de Opinião de Rui Ramos, 30 de Janeiro de 2026)

Viva Portugal!

Disse.

Professor do Agrupamento de Escolas n.º 1 de Beja.

O autor escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

**Carlos Calixto**